

Organizadores

ROBERT DAVIDSON, LAURENT JÉRÔME e MANOEL RIBEIRO de MORAES JÚNIOR



Amazônias, ao ritmo das águas  
Um livreto para as comunidades



UQAM-UEPA

ISBN 978-2-924759-02-8

Gostaríamos de agradecer aos vários parceiros pelo apoio ao longo desta experiência :

- Na UQÀM : ao Departamento de ciências das religiões da Faculdade das ciências humanas
- No Québec : Ao Biodome de Montreal e ao Espace pour la vie, às Irmãs da Congregação de Notre Dame, à Confederação dos Sindicatos Nacional, ao Santropol Montreal, aos deputados: Amir Khadir, Françoise David, Manon Massé, aos Escritórios Internacionais da Juventude do Québec (LOJIO) e a todas as pessoas que participaram de uma forma ou de outra para o fundraising.
- No Brasil : À Universidade do Estado do Pará assim como aos Professores Josias Costa Júnior, Manoel Ribeiro de Moraes Júnior, Wladirson Ronny da Silva Cardoso e Flávia Cristina Araújo Lucas (UEPA), Ely Simone Cajueiro Gurgel (Museu Paraense Emílio Goeldi - MPEG), Flávio Leonel Abreu da Silveira e Véronique Isabelle (UFPA), Itamar Rodrigues Paulino e Delaine Sampaio da Silva (UFOPA), Antonella Maria Imperatriz Tassinari (UFSC)
- As caciques, presidentes, crianças e todas as pessoas das comunidades de Ipaupixuna, Aracampina e Vila Franca



edição

Título : Amazônias, ao ritmo das águas. Um livreto para as comunidades.  
Organizadores : Davidson, Robert ; Jérôme, Laurent ; Moraes Júnior, Manoel Ribeiro de  
Textos : Catherine Desjardins, Robert Davidson, Laurent Jérôme, Rachel Léger, Marta Stomal  
Fotos : Grupo 2014-2015  
Capa do livro : Julia Stomal  
Tradução : Bárabra Machado

Dépôt légal - 4<sup>e</sup> trimestre 2016  
Bibliothèque et Archives nationales du Québec  
Bibliothèque et Archives Canada

ISBN 978-2-924759-02-8 (PDF, [www.religions.uqam.ca](http://www.religions.uqam.ca)) ; ISBN 978-2-924759-03-5 (impresso) ;  
Edição francesa : ISBN 978-2-924759-00-4 (impresso) ; ISBN 978-2-924759-01-1 (PDF, [www.religions.uqam.ca](http://www.religions.uqam.ca))

Editora :  
Département de Sciences des religions  
UQÀM  
C.P. 8888, succursale Centre-Ville  
Montréal, Québec  
H3C 3P8  
[sciencesdesreligions@uqam.ca](mailto:sciencesdesreligions@uqam.ca)



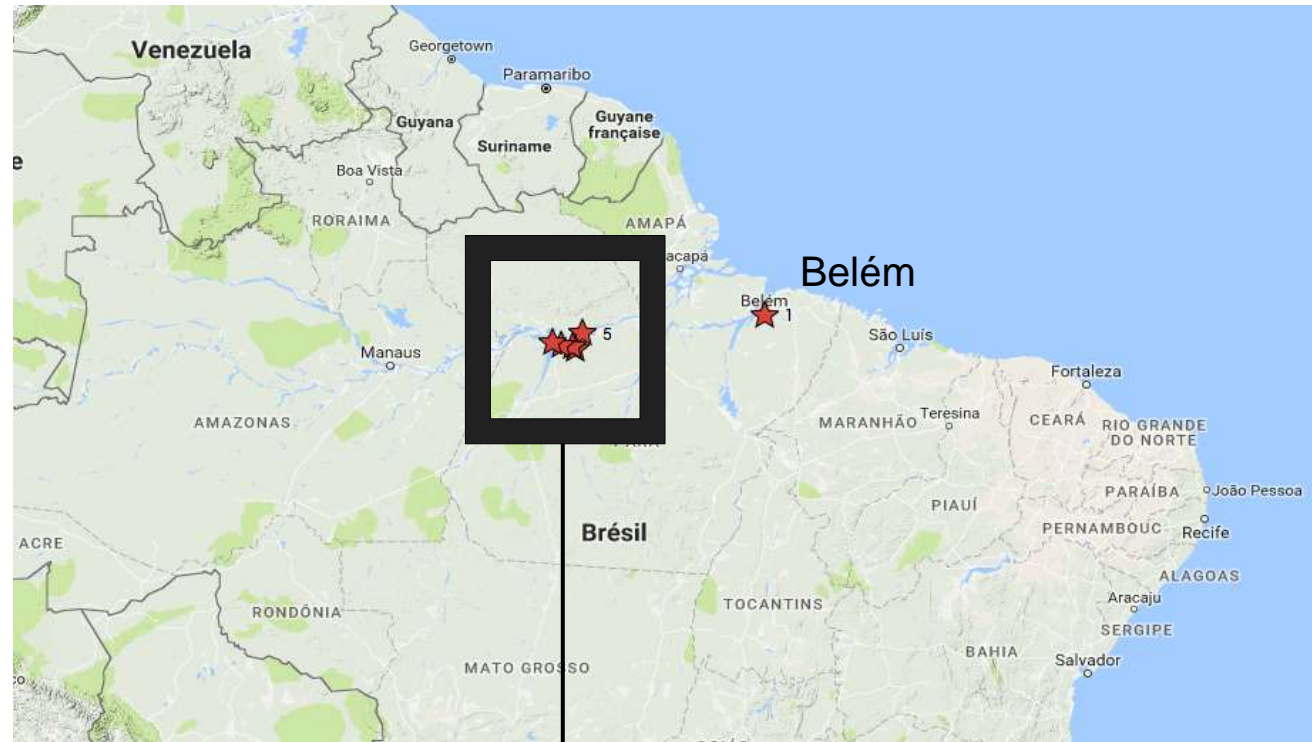
Neste livro, nós apresentamos algumas das experiências dos alunos da Université du Québec à Montréal (UQAM, Canadá) durante um estudo de campo de duração de três semanas realizada em maio de 2015 na região de Belém e Santarém (Pará, Amazônia, Brasil). Esta saída de campo foi o terceiro e último seminário do programa curto do nível de mestrado (UQAM-UEPA-Biodôme de Montréal), cujo objetivo foi de introduzir os alunos à unidade e à diversidade das identidades, das culturas e das religiões da Amazônia brasileira.



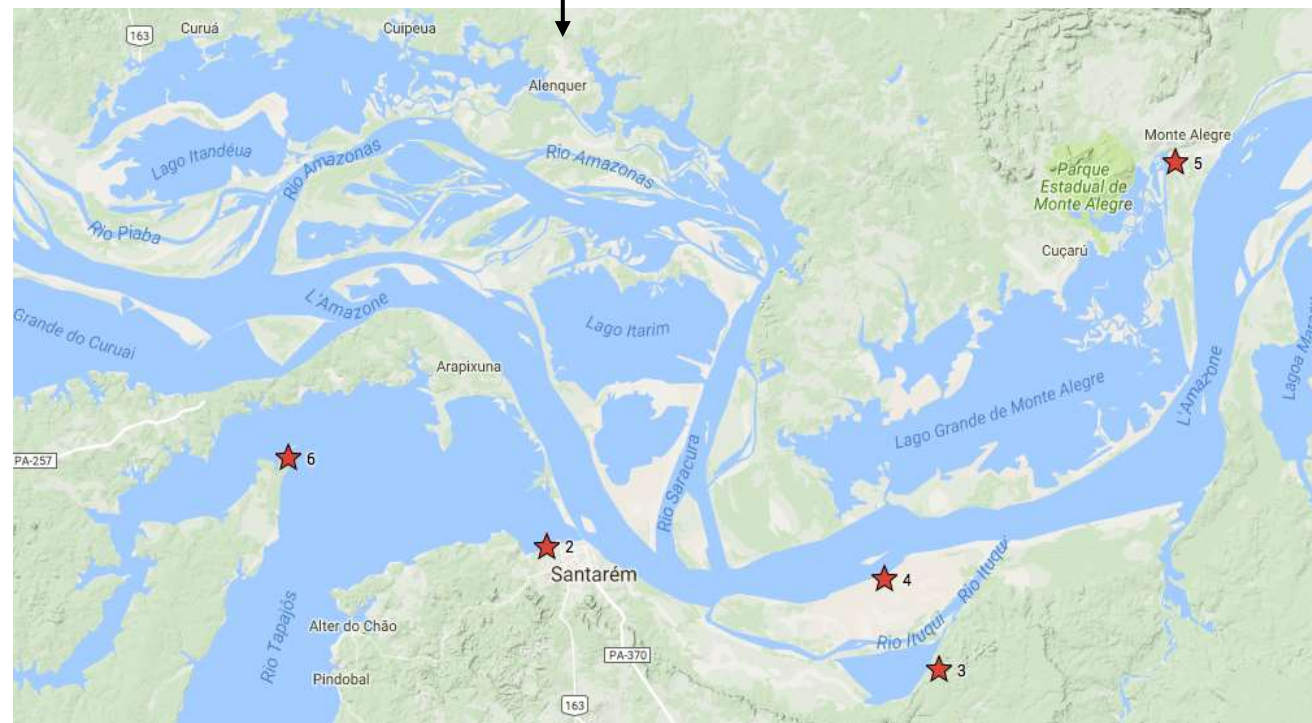
Como as comunidades desta região vivem suas relações com o meio ambiente? Quais são os discursos, práticas e conhecimentos ambientais em relação às visões de mundo específicas? Como eles percebem seus relacionamentos com o bioma amazônico? Quais são as questões políticas, culturais, religiosas, sociais e econômicas dos grandes projetos de desenvolvimento? Em suma, o que é a vida diária nos ambientes nos quais predominam a água?



Depois de dois seminários preparatórios realizados na UQAM (entre setembro de 2014 e abril de 2015), o grupo se reúne em Belém no dia 09 de maio de 2015 (1). A aventura começa nesta cidade cosmopolita de 1,5 milhões de habitantes, verdadeira capital cultural da Amazônia, situada na foz do rio Amazonas no norte do Brasil, no estado do Pará.



Após três dias de palestras, encontros e descobertas, tomamos a direção de Santarém (2), ponto de partida para a nossa viagem de barco que nos levará em diferentes comunidades e sítios históricos da região: Ipaupixuna (3), Aracampina (4), Monte Alegre (5) e Vila Franca (6).



# Belém (1)

É então nesta metrópole cultural que os alunos e professores da UQAM e da UEPA se reuniram na noite de 09 de maio para começar esta aventura nas terras amazônicas.



Nossos colegas da Universidade do Estado do Pará de Belém (UEPA), os Professores Manoel Ribeiro de Moraes Júnior e Josias Costa Júnior.





# Ilha do Combu

O dia 10 de maio foi dedicado à descoberta da Ilha do Combu, área protegida de 1.500 hectares localizada em frente à cidade. Os moradores compartilharam conosco seu modo de vida baseada no cultivo e comércio da palmeira açai (cuja bagas pretas consideradas como alimento básico para muitas pessoas do estuário amazônico têm qualidades nutricionais elevadas, incluindo gordura vegetal abundante em polifenóis), produtos derivados do cultivo de cacau, bem como bijuterias feitas a partir de sementes de diversas espécies de plantas nativas encontradas em seu ambiente natural ou nos mercados circundantes.





Nas primeiras horas do dia seguinte, o grupo seguiu para a Feira do Açaí, animado ponto de venda de açaí recém-colhido, localizado entre o Forte do Castelo e o mercado Ver-o-Peso. A visita matinal foi continuada justamente neste famoso mercado que abastece a cidade com muitos produtos amazônicos.



Marché Ver-o-peso



Récolte de l'açaí



Feira do açaí





Em seguida, a visita ao Museu Paraense Emílio Goeldi e as palestras proferidas por professores nos ajudou a compreender melhor as questões locais relativas à botânica, religiões locais, dinâmicas identitárias e culturais dos povos indígenas do Brasil.



O Parque Rodrigo Alves, parque botânico situado no coração de Belém, nos permitiu observar uma parte da natureza preservada na cidade, graças ao colega antropólogo Flávio Leonel Abreu da Silveira da Universidade Federal do Para.



A visita ao Porto do Sal, com a colega Veronique Isabelle, um bairro popular muito animado e fora do circuito turístico, permitiu-nos ter uma perspectiva diferente sobre a diversidade e a riqueza urbana, e também constatar as gritantes disparidades entre as classes sociais representadas na cidade.

## *Santarém* (2)

Segunda etapa da viagem, Santarém. A cidade de Santarém é um local de confluência de dois importantes cursos d'água da Amazônia: o Rio Tapajós localizado em frente à cidade e que deságua no rio Amazonas, e o Rio Arapiuns, um rio menor que deságua na margem oposta do Tapajós. É onde se encontra a Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA, que domina a vida acadêmica no Oeste do estado, e outros campus especializados, como o da UEPA que tem experiência em medicina tropical e em ciências da religião.





Animada pelas numerosas embarcações que viajam entre Belém e Manaus, bem como uma infinidade de outras comunidades ribeirinhas, a cidade de Santarém tem 300 000 habitantes.







Santarém vive em um ritmo diferente, longe do barulho incessante de Belém. Mais tranquila e de escala mais humana, esta cidade permitiu ao grupo mergulhar mais facilmente na cultura paraense.



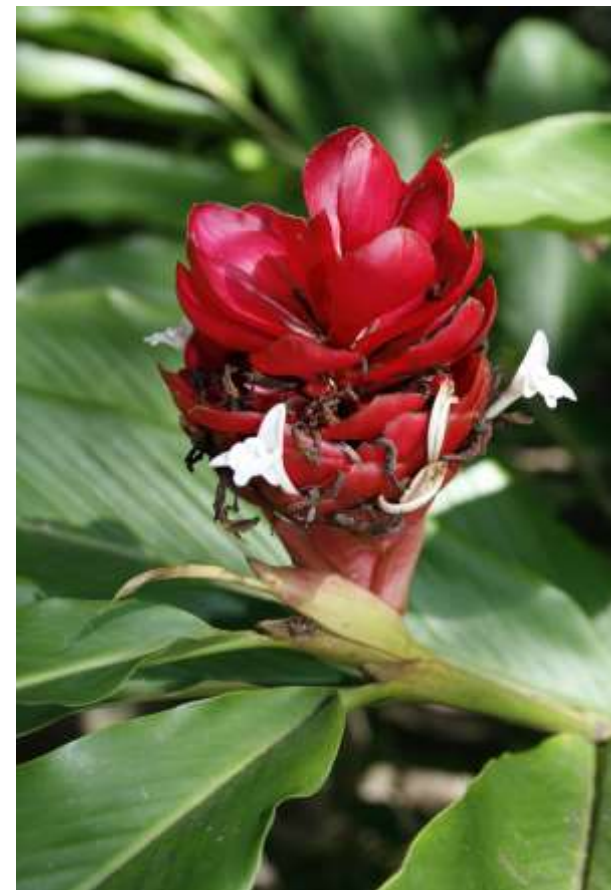
As inundações puseram o centro de cidade debaixo de águas. Bombas trabalham 24/24



Alter do Chão . Um lugar turístico no verão



Fomos recebidos no Teatro Municipal Vitória por um grupo de estudantes e professores da UFOPA que proferiu palestras com foco na cultura, identidade e memória da região amazônica, bem como seu rico patrimônio material e imaterial. Estas apresentações foram pontuadas pela partilha de alimentos (açai, sucos regionais e castanhas do Pará), e ainda uma demonstração de carimbó. Alguns alunos do grupo foram visitar a Escola da Floresta localizada em Alter do Chão, que ensina e sensibiliza as crianças de Santarém sobre as dinâmicas da floresta e as características dos meios de subsistência rurais relacionadas com a floresta amazônica.





## *Ipaupixuna* (3)

No dia 16 de maio, JJ Breno, o grande barco que fretamos para o curso, chegou em Ipaupixuna, uma comunidade Munduruku de 385 pessoas, localizada a uma hora e meia de Santarém. As boas-vindas acolhedoras que recebemos foram igualmente expressas através de uma cerimônia oficial de boas vindas. Discursos oficiais, levantamento de bandeiras, rituais Munduruku e danças indígenas e paraense pontuaram a noite





Fomos recebidos pelo cacique (chefe) e pelos professores da comunidade. Eles nos apresentaram a cultura, a história e a identidade do povo Munduruku. E também abordaram os desafios e as questões relacionadas à demarcação da terra e ao movimento de resistência contra a grande expansão do cultivo da soja na proximidade





Durante toda a viagem, vimos um grande esforço para preservar e fortalecer a cultura Munduruku, especialmente entre os jovens. Assim, o processo de afirmação desta cultura e seu reconhecimento por agências do governo parece ser muito importante para os atores que foram encontrados. A acolhida generosa e a curiosidade dos membros da comunidade em relação a nós, fez desta primeira visita uma experiência surpreendente e gratificante



As pessoas de Ipaupixuna não hesitaram em compartilhar conosco seu dia a dia : café da manhã coletivo e convivial com a família do cacique Manoel , missa na Igreja Católica, culto na Assembleia de Deus, encontros e entrevistas com diferentes membros da comunidade (jovens, idosos, pescadores, cacique, artistas, professores, ....). Nós finalmente conseguimos fazer uma caminhada na floresta densa ao redor da aldeia. Durante esta caminhada, visitamos uma antiga plantação de cacau. Vários artefatos de comunidades da região se encontram no solo dada a presença desta plantação em Terra Preta do Índio.





Para muitos de nós, estas foram nossas primeiras experiências formais de encontro etnográfico. Aprendizagem de fabricação de joias, jogo de futebol, visita à escola e trocas com alunos e professores sobre o sistema de ensino modular indígena, natação no igarapé - pequeno trecho de água doce cercado por altas palmeiras de açai, verdadeiro paraíso -, estavam no programa da nossa estadia.



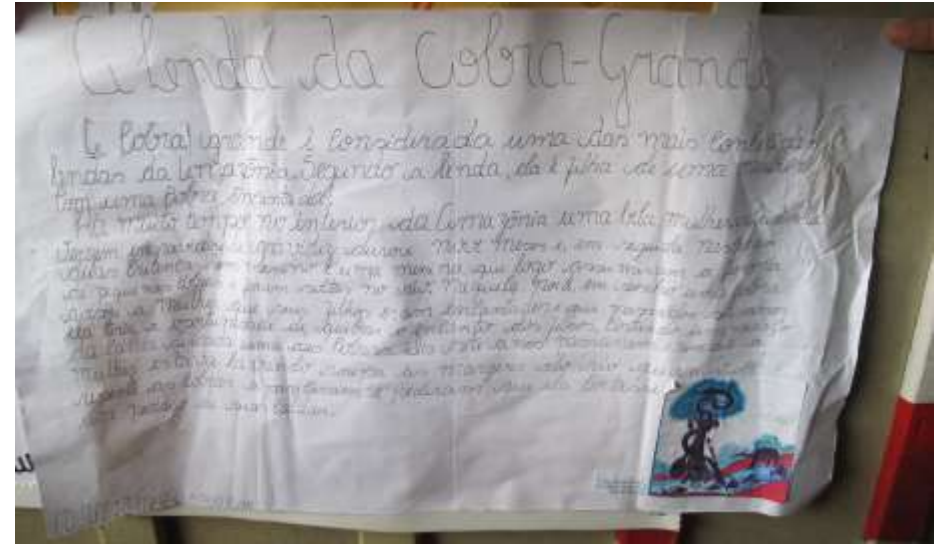


## Aracampina (4)

No dia 19 de maio, chegamos na comunidade de Aracampina, localizada na margem norte da grande ilha de Ituqui, a algumas horas de navegação a leste de Santarém. Então nós visitamos casas, igreja e escolas, todos construídos sobre palafitas. Ao longo de toda a viagem, ficamos impressionados pelo impacto da elevação do nível água no modo de vida dos membros da comunidade. A recepção francamente aberta e calorosa nos permitiu compreender melhor a realidade das comunidades de Várzea, terrenos alagados pela alta dos rios férteis provindos do distante Andes, cujo rio Amazonas é o exemplo mais conhecido.



Com a comunidade reunida para uma apresentação introdutória, os líderes comunitários explicaram-nos que muitos dos moradores estavam atualmente refugiados com o seu gado na Terra Firme, no interior da ilha. Chegamos na cheia, época do ano quando o nível da água é o mais alto! Não há como andar sobre a terra, somente em passarelas construídas de madeira. Apenas as viagens de barco a motor são possíveis.





Na manhã seguinte, o grupo foi dividido em dois; alguns fizeram uma entrevista com um pescador local, enquanto outros foram ao encontro de três pessoas, incluindo um representante da Casa de Mulheres. No decorrer da tarde, alguns do grupo foram visitar uma piscicultura de Pirarucu e outros a casa de uma puxadeira (curandeira) local. O dia terminou com uma visita à Igreja Católica da comunidade.



Várias preocupações foram expressas pelos nossos hóspedes. Tendo obtido um título de assentamento do INCRA, a comunidade gostaria de completar o processo de demarcação das terras para continuar a criação de vários serviços e infraestrutura permitidos com a obtenção deste título. O acesso à água limpa é outra grande preocupação na comunidade.





## Monte Alegre (5)

No dia 21 de maio, o grupo chegou na pequena cidade amazônica de Monte Alegre, desta vez localizada na margem norte do rio Amazonas.



Durante esta estada , o objetivo foi de conhecer os milhares de anos de história da região. O Parque estadual de Monte Alegre é de fato um sítio arqueológico e de arte rupestre bem conhecido pelos especialistas, mas provavelmente muito menos por turistas brasileiros e internacionais.







A Caverna da Pedra Pintada e a Serra do Ererê testemunham 10.000 anos de presença humana.



Alguns membros do grupo também foram encontrar um outro curandeiro (Benzedeiro), enquanto outros, no convés do JJ Breno, pescaravam o admiravam os botos (golfinhos de agua doce dos rio da Amazônia), cinza ou rosado, durante o pôr do sol.





## Vila Franca (6)

25 de Maio 2015, Vila Franca. Localizada na confluência dos Rios Tapajós e Arapiuns, no final da RESEX extrativa Tapajós-Arapiuns, esta comunidade vive uma situação preocupante: a erosão acelerada das suas margens. As ondas, empurradas por ventos fortes, vem gradualmente desgastando o território da aldeia. Esta erosão, no entanto, tem um efeito inesperado: a descoberta de muitos artefatos, testemunhas de uma ocupação ancestral desta localização estratégica.



Recebido por Enoque Monteiro, cacique da comunidade, e guiado por seu irmão, Gedeão Arapyú, o grupo foi convidado para uma reunião especial em que ele apresentou alguns membros da comunidade, os quais se apresentaram para o grupo.





Após essa troca formal, mas amigável, os participantes do seminário foram tatuados com Jenipapo pelo cacique Enoque. Uma bebida caseira de mandioca foi oferecida. Durante a estadia, o nosso grupo foi capaz de compreender melhor os desafios ligados ao reconhecimento identitário e cultural dos Arapiuns. Nós também fomos convidados para os ensaios de dança para a festa Junina, festival que ocorre em Junho, incluindo danças regionais (carimbó) e nativas.





Abraão, um terceiro irmão da família Monteiro, levou alguns alunos às ruínas da antiga prisão da época da Cabanagem para apresentar uma parte da história da região. A Cabanagem é o nome de uma grande revolta social ocorrida em meados do século 19 (1835-1840) liderada principalmente por povos indígenas e populações afro-descendentes da região. Essa imersão na vida cotidiana, na história e na cultura local continuou nos dias seguintes com uma aula de língua Nheengatu e também com encontros espontâneos com outras pessoas e lugares da comunidade (professores, escola, etc ...).





Os membros do grupo também encontraram com o Presidente de Vila Franca, Raimundo Guimarães Gamboa, que é o coordenador da associação e eleito pela comunidade. Diferentes temas foram discutidos com ele, tais como projetos de desenvolvimento local ou problemas de mobilidade dos jovens entre a cidade e a comunidade.



A estadia terminou com uma festa na casa da família Monteiro, durante a qual foram apresentadas as coreografias preparadas para a festa Junina bem como vários rituais.



# Conclusion

Esta viagem de campo foi uma oportunidade de se familiarizar com as realidades políticas, sociais, culturais e de identidades específicas, inseridas em contextos únicos de modo de vida e ambiente natural. A recepção e acolhida reservada ao grupo em cada fase desta estadia etnográfica, terá marcado as mentes de todos. A vida nos meios urbanos, as lutas políticas, jurídicas, sociais e ambientais, as relações de território, o importante lugar dado aos curandeiros locais, os processos de reconhecimento e afirmação da identidade, as dinâmicas religiosas, a riqueza e a diversidade do bioma amazônico ou os desafios relacionados a educação são temas que foram explorados pelos alunos neste campo.

Este livreto é um testemunho desta experiência rica. Nós dedicamos este livro a nosso colega e amigo Robert Davidson, desaparecido demais rapidamente em fevereiro 2016.







Por mais de um ano, estudantes da UQÀM foram introduzido à unidade e à diversidade das identidades, das culturas e das religiões da Amazônia brasileira. A originalidade deste programa foi de colocar a ênfase na maneira que os povos indígenas e diferentes grupos humanos da Amazônia brasileira pensam suas relações com o meio-ambiente e desenvolvem discursos, práticas e saberes ambientais relacionados com suas visões de mundo e suas adesões religiosas. Depois de dois seminários realizados em Montreal, os alunos realizou um estudo de campo nas regiões de Santarém e de Belém, no estado do Pará. Esse livreto é o recito desta experiência etnográfica influenciada pela antropologia, sociologia, Ciências da religiões e Ciências do Meio Ambiente. Destina-se a todos os leitores apaixonados sobre esta região, mas também para todas as pessoas, instituições e parceiros quebequenses e brasileiros que permitiram esse curso.

O grupo 2014-2015 : Caroline Bélanger, Annie Béliveau, Nicolas Boissière, Stéphanie Boulais, Sébastien Brodeur Girard, Catherine Desjardins, Johanna Maud Egoroff, Manoel Geovane Farias Pereira, Marie Fonds, Charles Girard Boudreault, Marie-Anne Ladouceur, Léa Lefevre-Radelli, Rachel Léger, Magaiver Luiz Pinheiro Rodrigues, Katy Maloney, Katherine Radecki, Samuel Raymond, Marta Stomal.